

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História: micro-história.*

Lucia Maria Paschoal Guimarães
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro: Campus, 2002, 115pp.

No Brasil, o ensino universitário de história ainda carece de boa bibliografia teórica produzida por autores nacionais, em que pese o número crescente de traduções de especialistas estrangeiros. A boa repercussão alcançada pelo livro *Domínios da História* (org. Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas, Campus, 1997), certamente deve ter estimulado o professor Ronaldo Vainfas a fazer uma nova incursão na área de teoria e metodologia da história. Melhor dizendo, a aprofundar algumas reflexões que deixara encaminhadas ao concluir aquela obra, que nos últimos anos tornou-se referência no ensino da disciplina. Refiro-me ao recém-lançado *Os protagonistas anônimos da História: micro-história*, onde Vainfas examina esse gênero historiográfico surgido na Itália, a propósito da coleção dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, denominada *Microstorie*, publicada pela editora Einaudi, entre 1981 e 1988. Vale lembrar que a micro-história opera com escala de observação reduzida, exploração exaustiva de fontes, descrição etnográfica e preocupação com a narrativa literária. Neste sentido, contempla, sobretudo, temáticas ligadas ao cotidiano de comunidades específicas — referidas geográfica ou sociologicamente —, às situações-limite e às biografias ligadas à reconstituição de microcontextos ou dedicadas a personagens extremos, geralmente vultos anônimos, figuras que por certo passariam despercebidas na multidão. O certo é que essa corrente historiográfica foi muito mal compreendida, ora tomada como história cultural, ora confundida com a história das mentalidades e com a história do cotidiano. Ou, então, percebida como expressão típica de uma história descritiva, de viés marcadamente antropológico, que renunciou ao estatuto científico da disciplina, invadiu o território da literatura, rompendo de vez as fronteiras da narrativa histórica com o ficcional. Não seria exagero afirmar que ainda hoje a micro-história carrega o estigma de *história menor*, atacada principalmente pelos defensores dos modelos macrossociais de análise. Mas, como afirma Hans Medick, rebatendo tais críticas, se *small is beautiful* isto não significa banalizar a história, nem desconectá-la de contextos mais amplos.

Ronaldo Vainfas dispõe-se a desfazer essa intrincada *teia de equívocos*. E, de fato, alcança seu intento. Assim, no primeiro capítulo, apresenta um pano-

rama da trajetória dos estudos históricos no século XX, detendo-se especialmente na historiografia francesa tributária do movimento de *Annales*. Dialoga com este quadro conceitual para demonstrar *o que a micro-história não é*, evidenciando as razões pelas quais a *prática microanalítica* não pode ser definida apenas em função dos temas de pesquisa, mas sim em relação a seus objetos e às metodologias por ela utilizadas. Desfeito didaticamente o *imbroglio*, o autor parte para identificar *O berço da micro-história* (capítulo 2), mostrando as linhagens dessa vertente historiográfica praticada por historiadores italianos, franceses, ingleses e norte-americanos, com ênfase no papel desempenhado pelos italianos e na importância da revista *Quaderni Storici* e da mencionada coleção *Microstorie*. Resgatadas as origens teóricas, o autor parte para exemplos concretos. No capítulo terceiro — *A micro-história em cena*, resume alguns enredos de livros emblemáticos do gênero, a começar pelo clássico *O queijo e os vermes*, de Carlo Ginzburg, seguindo-se de *O retorno de Martin Guerre*, de Natalie Zenon Davis; *Atos impuros*, de Judith Brown, e *A herança imaterial*, de Geovanni Levi. Essas breves sínteses servem de mote para o exame do modo como se opera a narrativa microanalítica e a discussão das fronteiras que a separam da narrativa ficcional. Em seguida, no capítulo quarto, sugestivamente denominado *A micro-história nos bastidores*, privilegia o estudo do aparato conceitual empregado pela micro-história, a escolha de temas, a problemática da redução de escala na *descrição densa*, bem como a delimitação dos objetos de estudo em termos de espaço e de temporalidade. Finalmente, à guisa de conclusão, o professor Vainfas aponta os contrastes entre as abordagens macro-sociais e as microanalíticas, discute as possibilidades e os limites de compatibilização entre ambas, oferecendo ainda uma extensa bibliografia comentada, com tudo já que se publicou no País a respeito da microanálise, inclusive trabalhos de historiadores brasileiros que fizeram incursões no gênero.

318

Longe de fazer proselitismo em defesa do gênero, Vainfas aproxima-se dos encaminhamentos propostos pela historiadora norte-americana Natalie Zenon Davis, um dos ícones da micro-história. Segundo Davis, é inquestionável a natureza complementar dos dois tipos de análise. A tarefa que se impõe aos estudiosos consiste, pois, em investigar métodos de interpretação e de narrativa que possam dar conta no texto escrito do entrecruzamento e das tensões entre o pequeno e o grande, entre o social e o cultural. Ou, que venham a *explorar as conexões possíveis entre esses dois níveis de experiência historiográfica*, conforme sugere Georg Iggers na sua mais recente contribuição, *Historiography in the twentieth century: from scientific objectivity to the postmodern challenge*. Seja como for, estudantes e pesquisadores, sem dúvida, irão se beneficiar da leitura dessa obra assentada em sólida argumentação teórica, mas de exposição agradável, repleta de exemplos e de comentários bem-humorados.

Resenha recebida em 11/2002. Aprovada em 4/2003.